

Comando político está dividido

O comando político do PMDB do Distrito Federal está, definitivamente, rachado entre as lideranças do governador José Aparecido e do deputado federal Roberto Cardoso Alves (PMDB-SP), secretário-geral do Diretório Nacional do partido e designado pelo presidente Ulysses Guimarães para mediar a solução do impasse entre os dos dez grupos que disputam espaço na formação da Executiva Provisória Local.

A polarização entre os dois comandos ficou clara ontem em dois momentos. O primeiro, quando os representantes do Comitê JK-Tancredo, capitaneados pelo secretário de Serviços Públicos, Carlos Murilo Felício dos Santos, lotaram o gabinete do governador para dizer a ele que reconhecem em Roberto Cardoso Alves o legítimo mediador do impasse, "sem prejuízo da liderança de Aparecido".

Na sala de espera, as líderes do Movimento Feminino do PMDB-DF, sob o comando da ativista Zilah Almeida Reis, aguardava a sua vez para, no segundo momento, dizer a Aparecido que o grupo anterior não tem qualquer autenticidade como representação do partido; que Roberto Cardoso Alves não tem autoridade para solucionar a questão e que Aparecido é o líder natural do PMDB-DF.

A liderança do governador como condutor do processo político

em implantação no Distrito Federal, tendo em vista as eleições de 86 à Constituinte, quando Brasília elegerá sua primeira representação, está sendo questionada desde o princípio pelo grupo Assembléia Comunitária, liderado pelo deputado federal Múcio Athayde (PMDB-RO).

Quando surgiu o impasse para formação da Executiva Provisória do PMDB-DF, que formará os diretórios zonais, dirigirá a Convenção e angariará peso no partido para as eleições, juntaram-se ao grupo Assembléia Comunitária, Comitê JK-Tancredo e o MR-8. Do outro lado, formaram uma frente as sete correntes que se dizem progressistas e autênticas do partido.

A frente, prevendo problemas futuros com Múcio Athayde e o Comitê JK, apressou-se em divulgar manifesto reconhecendo no governador a liderança natural pela qual teriam de passar todas as decisões importantes do partido. Múcio não assinou, antes, fez severos pronunciamentos contestando a liderança. Os líderes do JK questionaram, fizeram cara feia, mas acabaram assinando. Na prática, entretanto, compôs-se com a Assembléia Comunitária e surpreendentemente obteve a adesão do MR-8, numa aliança que a frente apelidou de "pacto da direita".

De fato, o caráter ideológico

do pacto liderado pelo Comitê JK ficou definido com a adesão do deputado Roberto Cardoso Alves, conhecido nacionalmente pelas suas ligações com as forças mais reacionárias do partido. Daí para a divisão foi um salto.

Fazem parte da frente de esquerda contra o pacto da direita os grupos: Bloco Popular, Ala Progressista, Pró-Brasília, Fundação Pedroso Horta, Tendência Sindical, Grupo Unidade e o Movimento Feminino.

O governador topou o desafio de amarrar a composição do partido mas, como bom mineiro, preferiu que a discussão eliminasse, por si só, e pelo tempo, os grupos sem fôlego. Daí, decidiu só tratar do assunto quando retornasse da viagem à Europa. Precisamente em janeiro, depois que o espírito natalino baixar sobre as cabeças mais exaltadas.

O Comitê JK não topou e ontem, numa demonstração de força, deixou discretamente colocado para o governador que não está disposto a esperar. "A demora está desgastando o partido e trazendo prejuízos concretos, que deverão se refletir nas eleições de 86, pois todos os demais partidos já estão organizados e em franca campanha", argumentou o presidente da facção, Joselito Correia.